

A DEMOCRACIA

ORGÃO REPUBLICANO



REDACÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

RIO DE JANEIRO, 1 DE AGOSTO DE 1887

ADMINISTRAÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

ANNO II

Publica-se tres vezes por mes

N. 34

ASSIGNATURAS

Anno. 6000

Rio, 1 de Agosto de 1887.

CHRONICA POLITICA

As appreliensões por nós manifestadas no numero precedente sob a epigrafe *Boatos de guerra*, têm infelizmente demasiado fundamento para que abandonemos o campo de reflexões que aquellas sugerem ao espírito imparcial e lucido.

Concordavamos plenamente que a declaração de uma guerra e a consequente militarização do paiz favorecia as ambições da família dynastica e os anelos dos especuladores de todo genero.

Abafava por emquanto qualquer mira revolucionaria interna, desviando a atenção pública do spectaculo dos males que nos assorberam.

Preparava um escondouro dos caracteres mais trefegos, desocupados e inficionados de uma altivez importuna, atirando-os n'esse novo prelio sangrento sob as falsas miragens de patriotismo offendido, honra maculada e outras denominações de grande efeito.

Affastava por muito tempo a sonhada fraternização de povos co-irmãos e consolidava de vez o prestígio e duração de um governo já quasi bamboleante.

Em todo o paiz surgem manifestações republicanas; um movimento espontâneo impelle os homens de consciencia recta e illibada a reunirem e protestar contra os causadores da desgraça collectiva; as phalanges inimigas engrossam todos os dias e só falta um appello, uma voz autorizada que congregue os elementos esparsos, mas poderosos.

«Declaramos guerra», diz o assanhado partidário monarchista, ao povo vizinho que não conta um terço dos nossos habitantes; d'esti sorte acharemos um derivativo á actividade nacional e cavaremos fundo a linha divisoria que nos ha de separar para sempre do destino de uma geração que pode contagiar-nos pelo seu exemplo. A sua prosperidade é a nossa condenação e a maior prova de nossa nullidade. Abafemol-a».

Artaxerxes e Dario não raciocinaram melhor. A guerra do Brasil com a Republica Argentina representa o interesse braganino triunfante, e os republicanos dariam testemunho da mais lastimável cegueira se se deixarem engodar, aliciar pelas perfidas insinuações que atentam contra a gloriosa realização do seu mais caro programma.

Os prenúncios se accumulam. Desde a menaçāo do ministro inamovível e barão privilegiado, que entrevimos o desfecho. Elle lá está pelos matagais e esteros do Alto-Uruguay e Paraná a divisar moinhos de vento transformados em gigantes temerosos. A' distancia em que nos achamos, nós exageramos-lhe s' ainda mais os perils. Pouco faltará que os façamos desdobrar-se em exercitos formidaveis.

Quanto pode a arte de mentir!

O que, porém, nos enche de tristeza, é notar que entre os arautos assalariados alistou-se, imprudente, cidadão, integerrimo e popular.

A incoherencia não pode ser mais flagrante e visivel.

Provocar desconfianças sob informações ministradas por cortesões e interessados; aquilonios com denuncias extemporaneas e de nenhuma fidelidade; alarmar os espíritos acenando á necessidade do fratricidio; exprostrar ao adversario politico o puto zelo

na sua propria conservação; perturbar, enfim, a nação inteira com o chocar das armas e o fatídico estridor dos tempos do obscurantismo, será tudo o que quizeram, mas nunca o resultado da meditação e do devotamento à causa da genuina democracia.

Notavel caso é que só se encarregue da difamação quem não conhece os povos platinos ou tenha n'issso particular interesse!

Escriptor illustre e bem conhecido entre nós não accomete, decreto, semelhante empreza. Entretanto, ninguem porá em duvida a sinceridade e o ardor de seus sentimentos patrióticos. Só algum româo.

Que fatalidade que outra intelligencia robustissima e caracter puro se prevaleça dos seus raros e eximios dotes dirigindo-os á sustentação de uma propaganda de todas a mais reprovada e de inenarráveis consequencias!

Fallamos do redactor principal da *Gazeta da Tarde*.

Que fatalidade!

ESTUDOS ECONOMICOS

LIBERDADE E CONCURRENCIA

RESTRIÇÕES COMMERCIAIS

II

O isolamento, fatal à vida individual, não é menos fatal à vida collectiva que constitue o estado de civilisação.

Todos nós temos interesse em aproximar-mos, em comunicarmos nossos pensamentos, nossas idéas de homem a homem, de nação a nação: — derrama-se o bem estar quando muitos participam dos mesmos gosos.

Para que tivesse curso o regimen prohibitivo; apesar de suas consequencias, das quais a mais penosa é certamente a carestia dos productos, buscaram-se razões mais ou menos plausíveis. Allegou-se primeiramente a balança do commercio, reputando-a favorável, quando a exportação excedesse a importação.

Com efeito, os partidários do sistema restritivo sustentam que o commercio de uma nação será tanto mais prospero, tanto mais fructuoso, quanto maior for a somma dos productos exportados sobre a dos importados; depende dos governos operar semelhante resultado.

Em relatorio sobre a situação da França, não me recordo mais de que anno, o ministro do interior, depois de estabelecer que a exportação tinha-se elevado a 500 e tantos milhões ao passo que a importação de productos estrangeiros não havia atingido a 400 milhões, denominava o excedente da exportação o *mais bello resultado que jamais a França houvera alcançado*.

Na tribuna nacional por vezes temos ouvido lamentações porque o balanço commercial accusava importações mais consideraveis que o valor das exportações; falsa apreciação tem-nos valido leis detestaveis.

Um particular que fizera sahir de sua casa 100\$ reis e receber em retorno 80\$ reis, perderá evidentemente 20\$ reis. Logo se todos os chefes de familia que compõem uma nação, exportarem cada um da casa geral, que é o paiz, o valor de 100\$ rs. e receberem do estrangeiro 80\$ reis, perderão individualmente 20\$ reis e a nação tantos 20\$ reis quantas forem as famílias.

Isto é muito evidente, muito simples, para ser contestado; entretanto, a escola protecccionista não se quer convencer. E quando não pode negar que para ganhar na permute é preciso receber-se mais do que se dá, então pretende que receber ouro em troca dos productos da industria nacional é engrossar o stock metallico.

J. B. Say diz a tal respeito: *O que perturba o juizo de muitas pessoas, relativamente à balança do commercio, é que elles consideram uma nação relativamente ás outras como um negociante em relação aos seus fregueses: ha n'isto grandissima diferença. Um negociante é una só pessoa fazendo um unico negocio, não podendo recorrer a sem desvantagem em pagamento, objectos que não são de seu commercio. O negociante de chapéus deseja que o boticario pague-lhe em dinheiro porque não tem necessidade das suas pitulas. O boticario, por sua vez, deseja que o fabricante de instrumentos de optica pague-lhe em dinheiro, porque não tem necessidade dos seus oculos. Mas uma nação nunca recebe senão as fazendas que pode consumir.*

Cada productor procura vender o mais e o mais caro possível, isto é, procura fazer sahir de sua casa, os productos de sua industria em troca da maior somma de dinheiro que lhe é possível obter. Da mesma forma cada productor esforça-se em exportar do paiz os objectos que fabrica, e repelle a importação de objectos similares porque repellindo a concurrence e vendendo o mais e o melhor possível, opera o duplo meio de aumentar o seu mercado; mas ninguém se inquieta dos retornos.

Entretanto, depois de efectuada a venda, o lavrador, o fabricante, ou o negociante, apressam-se em converter em outros productos o dinheiro que realizaram. Ninguem conserva em sua casa mais dinheiro do que o reclamado pelas suas necessidades actuais, os seus dispendios de momento, porque é sabido que o capital em especies é improductivo.

Ora, se a moeda no bolso do individuo não se augmenta, como poderá crescer nos cofres da nação?

Os metaes preciosos têm duas applicações distintas. Ou são matéria prima da moeda, ou matéria prima da ourivesaria.

Como matéria prima da ourivesaria a abundância pode ser desejável; mas as joias são evidentemente menos uteis que o lixolo, a madeira o vidro e em geral os materiaes que servem para a construção de nossas casas, e jamais nenhum dos factores da protecção cogitou em exigir a importação d'esses materiaes como retorno dos productos da exportação.

A moeda é necessaria para facilitar todas as transacções, mas não tem outro objectivo senão a circulação: é um meio, mas nunca poderá ser um fim.

Se uma nação que fizer com facilidade todas as suas transacções, prohibir a exportação do ouro deixando todavia franca entrada a novas quantidades de metaes preciosos, estes de nada lhe servirão. Haverá somente mais metaes em presença da mesma quantidade de outros productos, e consequintemente uma maior offerta de metaes ou uma elevação dos preços de to-

dos os productos, cuja exportação desde então se tornará impossivel.

Haverá alem d'issso uma perda real de todos os objectos exportados em troca de metaes inuteis.

A Espanha e a Inglaterra tentaram, em tempos idos, prohibir a exportação do ouro; mas as suas leis foram inefficazes.

A descoberta da America tendo feito affuir para Europa massas de ouro e prata, confirmou plenamente o que o raciocinio indica. Todos os productos agricolas e industriaes quadruplicaram de preço. Era preciso quatro vezes mais ouro para se obter a mesma quantidade de cereaes, de tecidos e em geral de todas as cousas de valor que constituem a riqueza.

Os partidários do sistema protector, proclamam-se tambem amigos do trabalho nacional. E em seu nome que fallam e arrebanham credulos e beocios.

E' evidente que se fiamos e tecemos o algodão, mais difficilmente que a França e Inglaterra; se a mão d'obra pela imperfeição dos instrumentos mechanicos ou inhabilidade dos operarios nos custa 10; quando os europeus o obtém por 5, nós paralysariamo o trabalho do algodão no Brasil, pela livre concurrence dos estôfios estrangeiros.

Mas, prohibindo esta concurrence para favorecer um capitalista e dez operarios, prejudicamos mil consumidores.

Supponhamos que o algodão, matéria prima representa 5, os estôfios pelo efeito da protecção custarão 15, em lugar de 10, aos consumidores nacionaes. Cada um de nós despendendo 5, para favorecer o trabalho nacional de algodão, achar-se-ha com menos 5 em seus rendimentos para a aquisição de todos os outros productos, para a renumeração de todos os outros trabalhadores nacionaes.

Em resultado, uma protecção de 5, concedida a uma industria, traduz-se em uma privação, ou em um prejuizo equivalente, para a nação, em uma diminuição de trabalho para todas as outras industrias.

Ainda mais: a protecção não favorece senão os capitais immobilizados, não previne senão um abalo momentaneo.

A concurrence arruina, é certo, as fabricas de algodão, mas permite activar outras industrias, empregando n'estas toda a economia que fizermos sobre os preços e ao mesmo tempo concorre para que se criem novas industrias, cujos productos servirão para pagar os estôfios.

Entre nações as permutes se fazem geralmente em productos, em fazendas. A moeda representa papel secundario. Só em momentos da crise é que o movimento do numerario se torna muito importante.

Quando ha annos, as más colheitas forçaram o occidente da Europa a recorrer a Russia, à Asia e à America do Norte para obter cereaes, o ouro deixou o occidente da Europa, precisamente porque o sistema protector não permitiu áquelles paizes frequentarem os mercados europeus e habituarem-se aos seus productos. Entretanto, não obstante as peias commerciaes, voltou a moeda para a Inglaterra, França, etc. e ella não podia ter voltado senão em troca de productos da industria d'estas nações.

Quando enveredamos por um mau caminho são necessarias todas as cautellas para sahirmos d'ele; quanto mais nos embrenhamos, maiores dificuldades encontramos para ganharmos a boa via.

Não doutrinamos a destruição violenta dos sistemas artificiais; demonstramos que a liberdade em tudo é favorável ao desenvolvimento das riquezas.

A liberdade engendra a concorrência, que por sua vez crê o progresso; mas progresso e concorrência causam horror a muita gente.

Espíritos distintos repellem o progresso; filantropos atribuem à concorrência o mal estar social.

J. C. DE MIRANDA.

NOTAS

Americo de Campos

Esteve entre nós este estimável correlegionario, redactor do *Diário Popular* de S. Paulo.

Quem diz Americo de Campos, bem pode-se dispensar de acrescentar: tipo de intelecto, carácter, desinteresse e abnegação.

Nomes como o do modesto escriptor paulista são o melhor patrimônio do partido republicano.

X

Jayme Dias

O jovem paulista cujo nome encima estas linhas, depois de alguns anos passados em Paris, onde foi colaborador de diversas folhas, recolheu-se à patria, e consta-nos que pretende fundar um diário republicano n'esta cidade.

E' de esperar que o arduo empreendimento do sr. Jayme Dias merecerá o aplauso e a coadjuvação de todos os republicanos brasileiros.

Nem se comprehende como possa continuar sem imprensa um partido de propaganda, que pela discussão pretende derrocar as velhas instituições e fundar uma nova ordem social.

O assentimento geral, que é condição indispensável para a estabilidade das reformas, não se conquista pelo silencio, nem pelas deliberações em conclave.

Parece-nos, pois, que o novo órgão da opinião democrática, que dizem-nos contar com a colaboração de escriptores projectos e de carácter illibado, prestará serviço inestimável ao partido republicano brasileiro.

Por nossa parte, aguardamos ansiosos o aparecimento da fónta do sr. Jayme Dias, a quem comprimentamos pela sua nobre iniciativa.

X

Estevão Silva

O jovem artista, modesto e estudioso, cujo nome encima esta notícia, expôz n'uma das salas do Lycée de Artes e Ofícios uma bellissima colleção de telas, na sua maioria representando frutos.

E'-nos grato a nós outros brasileiros, que temos por nosso inseparável amigo a indolência e cismos todo o nosso futuro em um bom lugar de duzentos mil reis mensaes em uma das secretarias de estado, ver quanto pode o amor ao trabalho e colher um exemplo, rariamente, para podermos esperar que não esteja de todo morto em nós o sentimento artístico, a verdadeira intuição da arte, e que ainda ha entre nós quem nutre ambições mais gloriosas que as que podem produzir o *Anno do Nascimento* ou o *Deus Guarde a V.Ex.*

E, como nos falta competência para fazer a crítica dos trabalhos de arte de Estevão Silva, tem apenas por fim esta notícia enviar ao jovem artista as nossas felicitações pelo brilhante e justissimo acolhimento e aplausos que de todos tem recebido as suas telas, tanto quanto se lhe pode pedir, correctas e inspiradas, e registrar n'estas linhas a nossa simpatia e consideração pelo seu talento e inquebrantável amor ao estudo.

Correia de Freitas

O distinto republicano, sr. Manoel Correia de Freitas, que à causa democrática tem prestado os mais relevantes serviços, acha-se entre nós ha dias.

Propagandista infatigável, o sr. Freitas não tem perdido o seu tempo.

No salão do Club Tiradentes presidio á instalação do Club Republicano Catharinense, e tem feito sucessivas conferencias, desenvolvendo os principios republicanos, elucidando grande numero de questões de interesse vital para o nosso paiz.

Não é o sr. Freitas orador academico, nem sabio do gabinete. Tem, todavia, uma somma de bom senso, experiência, observação dos factos e conhecimento dos homens, que suprime com vantagem os artifícios oratórios e as teorias metaphisicas, de que tanto se tem abusado entre nós.

A linguagem do sr. Freitas é facil, abundante, energica por vezes, mas quasi sempre chan ao alcance das intelligencias menos cultas.

Como verdadeiro missionario, convencido da sua doutrina, dominado do seu ideal, o sr. Freitas falla ao povo em termos vulgares, não desdenha comparações e imagens trivias, locuções plebeias e incorrectas.

Não o preocupam vaidades tribunicias, nem vanglorias litterarias.

Quer convencer e persuadir. E o consegue.

Não conhecemos quem melhor possa levar às populações do interior a boa nova politica, as esperanças da regeneração da patria, e acordar o patriotismo latente em todos os corações brasileiros.

Sandamos cordealmente o valente lutador catharinense.

X

Modo de agir de alguns republicanos

Comprehende-se que num momento de desastre e urgindo acudir á salvação propia se esteja a discutir pontos de etiqueta e formalidades accessórias?

Não. Quem assim proceder, dá testemunho ou de mentecapto, ou de refinado impostor.

O nosso mal, o que empece o desabrochar das forças, o que até põe em perigo a existencia da nação é a monarquia.

Todo aquele que se declara republicano reconhece e admite esse asserto.

Qual o seu dever primordial?

Concorrer sollicito ao derrocamento de um poder que infelicitá a patria arrastando-a ao extremo dos opprobrios e das misérias.

D'este syllogismo ninguem prescinde; ha de aceitá-lo, se presar a coerencia.

Mas entre nós ha muitos que querem a república fazendo ao mesmo tempo restrições.

Desejal-a-hiam:

se se lhes conservar o emprego;
se vier sem abalo;
se trouxer a prosperidade;
se for aceita por todos.

A estas estupendas afirmações, poderíamos acrescentar:

Não a quizeram:

com as pessoas que actualmente fazem profissão de republicanos;

com os recursos que por ora existem;
no estado de ignorância do povo;

por causa da escravidão, da situação precaria das finanças, da expectativa ameaçadora dos países vizinhos, da incerteza do dia de amanhã, da falta de homens apropriados para a direcção dos negócios publicos.

De argumento em argumento, cada qual mais fundado e apprehensivo, os taes intitulados republicanos *in petto*, são na verdade os mais ferrenhos inimigos que podem existir contra o dogma da soberania do povo.

Outros declararam-se em oposição:

porque figura nas suas fileiras este ou aquelle desafecto;

por não serem consultados;

não poucos porque infensos, refractarios ou relapsos a qualquer contribuição pecuniária;

bastantes porque aguardam a senha de um pretendido chefe;

infinitos por entenderem que isso de política é assumpto de intrigantes ou vadios— «Isso

não dá que comer e o melhor dos partidos é cada um metterse em sua casa com sua mulher e seus filhos».

Inda restam os que se dão ares de sabichões e se arrogam supremacia. Esses baptisam, classificam, conjecturam, divagam em conversas ou em publicações; mas negam-se a prestar o seu concurso e são forças negativas.

Com as citadas premissas e circunstancias, bem nos inclinaramos a crer que não ha no mundo povo menos apto para a republica do que o brasileiro, se por outro lado não tivessemos a persuasão e certeza inabalavel de que a ideia do progresso caminha independentemente de quaesquer obstaculos e que dia virá em que ella nos congregará e implantará no meio de nós o fulgorante pavilhão do seu poder.

Republicanos! se sois sinceros e abrigaes coragem, desprezaes as formalidades; querei a republica em bom da mesma e banni os pretextos que favorecem as evasivas. Quem a elas se socorre e d'ellas se prevalece é um ente vil e inutil á sociedade.

X

A causa...

Porque perdeu o sr. barão de Mamoré a confiança do parlamento?

Segreda-se que ha'hi negocio de familia.

O sr. barão tem um filho chamado Ambrosio, o que muita gente ignora, o qual é deputado á assembléa provincial do Rio de Janeiro pelo 7º distrito eleitoral, o que quasi ninguém sabe.

Por esse distrito é deputado geral o sr. Bezamat, que não estava muito seguro, valha a verdade.

A prova d'isso é que já uma vez foi derrotado pelo er. Elias, de Cantagallo, filho de outro barão, e boa pessoa.

Os povos de Magdalena não andam lá muito contentes com o sr. Bezamat.

D'ahi o receio de que o sr. Mamoré promovesse seu filho Ambrosio, de membro da provincial, a deputado geral.

Ora, o sr. Mamoré pertence á diocese do Pará e o sr. Paulino, bispo do sul, não podia deixar que em seus dominios entrasse um nortista, a quem não concedera provisão para pregar fóra da salinha.

Logo... era preciso suspender o ministro do imperio.

Para perturbar a harmonia da igrejinha basta o sr. Cunha Leitão. Não era preciso um Leitão da Cunha.

O chefe paulista só entende de cunhas em lista senatorias. Leitões, só os comprehende com rodelas de limão.

X

Sobre imigração

Firmado o conceito acerca da incapacidade do nosso governo para levar ao cabo qualquer empreendimento serio e beneficio, torna-se ipso-facto extemporaneo e ilogico o querer aconselhar e sugerir medidas que presupõem a existencia de predicados essenciais de boa fé, moralização, patriotismo e ilustração.

Aos que nos accusarem de só fazermos critica, tarefa mui facil de desempenhar sem adiantar um apice a solução das questões, respondemos: não toca a nós construir com os actuaes elementos; elles são absolutamente incompatíveis com o fim que almejamos; a nossa missão resume-se em mostrar palpavelmente que as cousas seguem o peior caminho, que os homens têm n'isto grave responsabilidade e que é chegado o tempo de cuidar mais do bem collectivo do que dos interesses da afflidação.

A fallar verdade, chegou a sociedade brasileira ao extremo de não ser possível viver senão com humilhação, baixeza e covardia.

Todos increpam o carácter do povo, que chrisma-se de indolente, apóucado, sem brios; mas a principiar cada um por si mesmo, exclue-se da regra, atirando o labeu da vergonha sobre os deitais.

Na firme convicção que não ha possibilidade de nada conseguir-se de proveitoso com este sistema de governo e mercê da pandilha que ocupam e acumulam os empregos rendosos, combateremos sempre e sempre as tentativas que se iniciarem tendo por mira estabelecer a tolerancia em face d'esta situação ou prolongar a sua influencia.

Moveu-nos ao riso e á compaixão a attitude que em começo assumiu a Sociedade Central

de Immigração. O leitor está lembrado dos reptos energicos e das catilinarias quo ella dirigia ao governo. Ora, pensavamos nós, na qualidade de subsidiaria pelos cofres publicos e de simples satélite do ministerio da agricultura, o que fará essa coitada que não se resinta da accão do seu superior? Como insurgir-se contra o poder omnipotente que tudo avassala e esmaga?

O peior foi que com aquellas arengas altisonantes e desusadas ella atrahio a confiança de muitos, adormeceu a fibra e actividade da maior parte que ficaram acreditando que raiava nova aurora de vida e progresso.

Advogou por dilatado tempo varias idéas, como o casamento civil, o fraccionamento das grandes propriedades, a instalação de nucleos colonias á margem das estradas publicas, a suppressão de penas corporais, etc.; gastou n'isto algumas centenas de contos de reis, mas desafiamos a que nos indiquem qual o projeto que nos adveio de uma propaganda tão ostensiva e dispendiosa.

Se o governo fosse suscetivel de lealdade, ha muito que houvera executado o que manda apregoar á custa dos contribuintes. Camaras unanimes, opinião, força, dinheiro, tudo elle possue quando realmente quer uma causa.

Mas o fim é outro: atirar poeira aos olhos dos credulos e basbaques; deixar transluzir as melhores intenções: accusar-se desapiedadamente, dando lugar a subentender-se que quem isso pratica está proximo do arrependimento; porém na realidade pouco se importando com os propósitos manifestados e tratando sobre tudo e ante tudo de consolidar as posições empolgadas e crear espaço para o resto dos filhotes.

Os republicanos não podem coadjuvar este governo na realização de nenhum plano phantasiado; devem antes contribuir para que tudo peiore, até tornar-se impossivel o equilibrio dos poderes e a sustentação da sociedade.

Derruindo a monarquia, não faltarião caracteres honestos e experientes que levem a bom porto o agitado batel da patria brasileira.

O nosso primeiro cuidado e unico é dar combate ás instituições e áquelas que malsinam o futuro desde que se lhes não garantir a prodigiosa melgueira que actualmente usufruem.

De tolos, nada tem.

X

Entendamo-nos

Pedimos a atenção do leitor para o artigo, que vem em continuação, synthese eloquente e argumentação irresponsável quanto ao juizo a formar-se acerca do carácter das sociedades americanas e sua verdadeira orientação.

Ser democrata não quer em absoluto dizer mais nada do que ser do seu tempo e da sua terra. Não é um odio pessoal, nem um interesse egoista que nos aguça, tão pouco o sangue quente da idade ou das illusões quem nos acorço. Somos do nosso tempo e da nossa terra.

A America não é um feudo que as gerações passadas construiram em campo fertil; é um erario de riquezas que a força das collectividades bem unidas e fortes pertence explorar.

As gerações novas que na Europa nasciam na exerga dos dominios senhoriais, que cresceram e se formaram ao sol d'uma dominação traduzida em factos reaes, attestando um trabalho que se não comprehende sem direitos sagrados; essas gerações em cuja consciencia se desenhou desde o seu nascimento a justiça da sua inferioridade sagrando o dever da sua obediencia, não são as gerações americanas que nascem e crescem na contemplação de um mundo infinito, sem domínio, de riquezas seu dono, de aspirações á procura de realidade.

Aqui, pela immediata inspecção da forma natural, qualquer cerebro por menos culto, qualquer consciencia por menos orientada, reconhece desde logo que nenhum precedente concede a uma casta os direitos que é forçoso justificar por factos e assim existem em outros lugares.

Trabalho é uma lei que qualquer impõe á sua consciencia, que todos derivam da sua propria observação, e d'ahi, como corollario justo e santo, ninguém permite ultra diferença nem outras imunidades que não

venham a ser os filhos de uma conquista pelo mesmo trabalho. D'ahi a transplantar para o meio da nossa atmosphera e aquecer ao sol dos nossos mundos do sul, as graças de umas entidades parasitas que se arrogam o direito da vida de ouro pelo tributo dos que laboram, vae o erro contra o qual nos insurgimos pela consciencia e pelo juizo.

Nós somos, é verdade, filhos da Europa, e esta por força da inercia, do habito e até mesmo dos interesses, em vez de uma constituição adaptada ao meio, deu-nos a sua constituição transplantada a um clima nocivo. Foi um erro que se justificou na forma colonial; é um absurdo na forma iudopendente em que vivemos.

E, se nos insurgimos contra esta acomodação politica e social, não é tanto porque a siutamos antagonica contra as mais nobres e mais arraigadas das nossas aspirações pesssoaes, como porque já vemos e podemos mostrar no sol de todas as consciencias os erros e as tristes consequencias praticas da sua imposição.

Numa sociedade que nascia de todas as desigualdades, que vinha de todas as origens e marchava com todas as desproporções para uma mesma conquista, a primeira, a mais urgente de todas as necessidades era uma formula politica que produzisse uma unidade; e essa, imaginaram os nossos primeiros mentores que podia ser a que possuímos, e os factos têm largamente mostrado que se enganaram. Ao cabo de muitas conquistas que já fizemos, separaram-nos ainda as mesmas desigualdades e, o peior de tudo é que a influencia central das nossas forças politicas, só conseguira abrir entre as nossas camadas, traços ainda mais largos e profundos a separal-as; por vezes, os mesmos odios se despejaram como fel nas raias que quizeram destruir.

E por ultimo, ao inverso da força viva que desse aos individuos a maior força, avolumando a sua energia individual, nós temos assistido à continua acção d'uma força deletaria que esmaga tudo que são aspirações e energias, convertendo todos os cerebros e todas as consciencias que a natureza talhou para mais altos destinos, ou em espíritos envenenados pelo odio, ou em trambolhos, caudatários d'uma realeza formal e desprestigiada.

NEMO.

COSTUMES

Dizem não estar este povo preparado para gerir-se politicamente por si mesmo e ser-lhe, por isto, sempre imprescindivel a tutoria de um rei ou de um imperador, com seus milihares de sequazes.

Há factos, no entanto, a provarem até a evidencia, a possibilidade de poder passar-se muito bem, sem qualquer D. Pedro ou D. Augusto, intervindo em governanças que devem de ser nossas, e fomos d'ellas esbulhados por meio da força e da astucia.

Não é preciso entrar em longas divagações para mostrar a capacidade do nosso verdadeiro povo para eleger os que devem represental-o na administração do paiz; basta partir de um simples exame das pequenas cousas para as maiores e julgar com animo desprevenido e imparcial.

Mais de uma vez tem-se dito que uma casa comercial ou um gremio são particulares da nação, que se governam perfeitamente pelo modo mais democratico do mundo, é d'ahi que, para governar qualquer territorio, grande ou pequeno, bastaria alargar relativamente o sistema seguido pelas tais companhias e bem assim as atribuições e deveres de cada representante eleito pela comununa.

Partindo de tais corporações, que têm certa importancia social, até as camadas populares dos homens trabalhadores, veremos ali, a respeito de comando ou governo, formulas senatas e de excellente exito na pratica.

Citaremos uma.

Os homens que se ocupam no trabalho de carga e descarga de navios e no de acondicionamento e safamento das mercadorias nos trapiches, formam tropas, compostas, na sua maioria, de pretos e mulatos, sob as ordens de um chefe a quem chamas de capitão.

Cada uma d'aqueellas tropas representa sempre, pelo menos, cincuenta individuos, e move-se disciplinadamente com toda a confiança em seu director. E' este quem se incumbe de esco-

lher o pessoal, distribuir o servizo, de receber os salarios e repartilhos a cada um de seus commandados; os estivadores e trapicheiros entendem-se sempre com os chefes.

Nada tem que ver com os trabalhadores.

Em tudo isto, porém, o que mais pode interessar-nos é a maneira porque procedem os referidos trabalhadores para eleger seu governador, chefe ou capitão.

Reunidos em pequenos grupos, conversam, cochicham a respeito d'este ou d'aquele individuo, a quem desejam passar a suprema jurisdição, dos seus negocios e interesses e, em poucos momentos, está tudo de perfeita combinação.

E então, no dia seguinte, de manhã reunidos apontam para um de sua intima confiança a quem aclamam e designam como chefe, por estas palavras:

— Viva o Miguel!

— O Miguel é o capitão!

Procedem da mesma maneira quando tratam de substituir um chefe que não correspondeu à confiança que n'ele depositaram.

E por esto simples processo o chefe que querem apagar e que estava no melhor mundo das illusões, é destituído, passa o poder e o fastigio do alto encargo a outrem, que merece mais da sua gente.

E está tudo oficialmente feito.

Para dar-se este facto, porém, é preciso que o destituído não tenha cumprido lealmente os seus deveres, e haja por isto perdid a confiança, como ja dissemos.

Não julguem que, além d'aquelle pena, não ha, depois, outros ajustes de contas. Ha. E para elles não é necessário a intervenção da justiça e nem recurso para os tribunais.

O ex-chefe, na liquidação de seus feitos, se os praticou, pode ficar desmoralizado para sempre e sofrer o maior castigo que podem infligir-lhe, e é de não darem-lhe trabalho, nem mesmo como soldado raso entre os mais antigos subordinados que a todo o transe evitam um tão mau camarada. O menor mal que pode suceder-lhe é nunca mais ser chefe.

Se tudo isto não é simples, de facil comprehensão e digno de ser imitado por outras collectividades, então devem abandonar a democracia, e procurar o socego e a paz como temos feito nas peás e dificuldades que o regimen monarchico consegue impôr a tudo e a todos.

GOMESIUS.

SEÇÃO LITTERARIA

MAYAR

Ao longe acena ainda o lenço branco. O ultimo adeus tremula ainda pelos ares. Quasi que se escuta ainda os ultimos beijos.

Vae-se fazendo no largo o barco. Mais um impulso e chegará ao vapor. Mais um minuto e o viajante pisará terra estrangeira.

Lá se vai em busca da fortuna, cheio de esperanças. Mãe, irmãos, amante, amigos sentem lentamente irem-se secando as lagrimas com o basejo morno da esperança de que em breve o forasteiro voltará, feliz, a espalhar em volta de si, pelos seus, a sua ventura.

E elle lá se vai, acalentado pela esperança e pela saudade, as duas azas ideias da grande aguia branca, quo se chama — vida.

Passam se os mezos e passam-se os annos. Sempre fatalmente perseguido, volta enfim. Nú d'esperanças, desalentado, envelhecido, recolhe-se de novo, misero filho prodigo, ao seu bello ninho n'ital. Vem alegre como um passaro esfomeado, fugindo ao inverno, em busca da campina florida, de verde alfombra irida pelos raios do sol. Canta-lhe nos olhos e nos labios a triste alegria dos condenados — uma alegria feita de magoas, e que se exprime e se transforma em lagrimas.

Chega enfim. A campina em flor é, porém, um vasto cemiterio. O ninho tantas vezes sonhado na hora das grandes dôres, esborrou-o á mão implacavel da fatalidade. Tudo desapareceu. Da pobre velhinha que lhe encherá de sorrisos a innocencia, que lhe ensinara as primeiras orações e que lhe dera os primeiros beijos, da pobre martyr que lhe tapetara de banhos a estrada dos seus primeiros annos e que fizera de sacrificios e de amor uma aureola celestissima para o seu nome, nem uma lem-

bra, nada. Anjo, a força de ser santa, sinta por ter soffrido tanto, e boa e casta e carinhosa, morreu como morrem as flores, sem um gemido, sem uma lagrima e sem uma queixa. A sua morte foi tambem o seu primeiro ai. O sol, o durissimo sol da desgraça, queimou-lhe lentamente o coração, fibra por fibra, até queimá-lo todo. Queimou-a inteira, implacável e sinistro. Deixou-lhe apenas o que ella tinha do céo — a alma. Transformou-a em duas azas, e ella voou... D'ella resta apenas o nome e mais nada. Nada.

Da sua querida e misera familia, os que restam, estão dispersos e fatalmente condenados pela sorte. Condemnados como elle! Familia de reprobos! Dir-se-hia que uma maldição pesa sobre o seu nome, e que, ha um milhão de seculos está ella a crescer, a engordar, a acumular dentro de si todas as dores, todas as miserias e todas as desgraças, para agora, como uma tromba gigantesca, arrebentar sobre elles, envolvendo-os nas trevas imperturbaveis, tragicamente fataes, dos galés perpetuos.

Os amigos, onde estão? Que o diga o silencio que o cerca, unica voz que elle ouve, mas tão eloquente e sonora que lhe chega até o intimo d'alma, nota por nota, syllaba por syllaba, sem lhe deixar nem uma illusão, clara, clarissima, horrivelmente clara.

E a sua amante? Onde a meiga creança, cheia de crenças e de amor, purissima e carinhosa, astro feito corpo, perfume feito alm?

Que de saudades d'aquelle tempo em que, creanças ambos, trocaram os primeiros olhares e os primeiros juramentos! E os primeiros receios, depois, os primeiros estremecimentos, as primarias palpitações e as primeiras supplicas, provocadas inconscientemente, quando, como um aviso do céo, lhe roçava pela fronte as azas o seu anjo da guarda, e as estendia por sobre a sua cabeça adorável, sublimissimo luar, enquanto o pudor espanhava entre elles ambos o seu luminoso olhar feito de ardentes, fragilíma barreira inviolavel! Onde tudo isto?

Tudo morto, tudo aniquilado. Nem ao menos restam para receber as suas lagrimas, as ruinas de tantas illusões, de tantas esperanças e de tanto amor! Em toda a parte o esquecimento, a solidão, o nada. O nada, sempre o nada, em toda a parte.

E sil-o agora só, inteiramente só no mundo inteiro. Só no mundo inteiro! Suprema ironia! Suprema maldição! Qual é entretanto o seu crime? Qual é o seu grande crime para este castigo tremendo?

Só, inteiramente só, no mundo inteiro!

E. ARITA.

A FORÇA DO DESTINO

(Continuado do cap. X)

Eram 8 horas da noite, continuou o capitão. Eu passava, de volta para casa, pelo porto de Manguaba, então inteiramente deserto. De repente, vejo-me seguido por dois soldados que, embargando-me o passo, convidaram-me a ir falar com o sargento, dentro de uma canoa encalhada na praia. Oppuz-me quanto pude, com todas as observações que o caso me sugeriu, a satisfazer essa intimação disfarçada; mas fui coagido a obedecer.

Ni canoa, onde me obrigaram a entrar, declarou-me o sargento que tinha ordem da autoridade superior para conduzir-me a Maceió e que ahi estava o sr. inspector de quartéis do lugar para ratificar o que elle me dizia.

E' verdade respondeu-me u.n sujeito, à paisana, sentado junto ao sargento na borda da canoa e que eu conhecia de vista.

De novo oppuz os meus protestos contra semelhante acto; mas em vão; responderam-me que cumpriam ordens e mais nada, e que em Maceió apresentasse eu as minhas razões a quem de direito.

A canoa foi imediatamente posta a nado e impellida com força por dous remadores em direcção à capital. Ahi cheguei pela manhã, recolheram-me ao quartel, onde fizeram-me saber que estava recrutado! Imagina o meu desespero! Neste mesmo dia fui embarcado com outros recrutas no vapor «S. Salvador» para o Rio de Janeiro. Aqui assentaram-me e dentro de tres dias remetteram-me

para o Rio Grande do Sul, de onde fui parar em Alegrete e ahi incorporado ao 4º batalhão de infantaria. Segui depois com o batalhão para a fronteira, da fronteira, para o Estado Oriental e Entre Rios com o exercito brasileiro. Estavamos em guerra contra Rosas. Não havia outro jeito; tive de aceitar os factos consumados, andar para a frente e fazer-me de valente: matar para não ser morto, o que não impedia-me de ser gravemente ferido em Monte Caseros.

Bem vés, minha amiga, que para ir-se de acesso em acceso até conseguir-se a patente de capitão, foi necessário fazer-se alguma cousa, sofrer o que ao diabo amargou e derramar sangue. De volta ao Brasil, o meu primeiro cuidado foi ir à província procurar-le, pois que não tinha outro meio de saber de ti. Aqui estou, Julianá, julga-me.

— Como nunca escreveu-me comunicando-me o que lhe acontecia?

— Escrevi-te, sim, do Rio Grande, porque só ahi pude despertar da dor e do espanto da violencia que soffri. Não tendo resposta, como poderia continuar a escrever-te na incerteza de te chegar às mãos as minhas cartas?

— Nunca recebi, nem carta, nem notícia que me indicasse certa ou vagamente o destino que levaste, tal como me contas.

— Ah Julianá! Se podesses fazer uma idéa das torturas que me despedaçavam a alma pelo que de mim podias supor, pelas saudades que me punhiam, e pela indignação concentrada contra o que me fizeram, te compreenderias de mim, certo de que a lembrança de ti era tão viva, como foi sempre quando vivemos juntos.

Assim continuaram a conversar e a explicarem-se, o official e Julianá. O official, sabe o leitor não ser outro senão Manoel Martins, e empregava todos os recursos affectuosos e ternos para despertar de novo o amor de Julianá; esta, profundamente abalada, sentia-se outra vez fatalmente impellida para este homem, que parecia exercer sobre ella um magico influxo.

Contudo, dominada ainda pela duvida sobre a historia que Manoel Martins acabava de narrar-lhe, a viuva continha-se, não querendo mostrar-se no momento tão expansiva quanto lhe pedia o coração.

Tendo já esquecido o antigo amante, o inesperado aparecimento d'elle em sua casa, atordou-a a principio.

Vieram depois o ressentimento e o despeito em commun com a admiração sympathica, mas oculta, que lhe causava o official, de mais elegancia physica então do que outr'ora.

Esta admiracão foi-se gradativamente transformando em afecto.

Por fim, explicava Manoel Martins como acrescentaria o sobrenome de Boacica pelo qual era conhecido no exercito, quando entra o tenente Lins assim com ares de quem é dono da casa.

— Oh! este homem em tua casa, Julianá, com o é isto? Interpelou-a Manoel Martins, tremulo, nervoso, em voz baixa e tom cerrado, cheio de indignação e odio. O meu perseguidor aqui? Ah! este encontro vai ser talvez fatal.

Juliana, confusa, perturbada, como que receava alguma cousa, mas o tenente não reconheceu Manoel Martins, e comprimentando-o distrahidamente perguntou:

— E' o sr. . . .

— Capitão Boacica, responden-lhe Julianá.

XI

O CAPITÃO BOACICA

A narração feita por Manoel Martins a Julianá não era de todo verdadeira.

Como tivemos occasião de dizer, não era elle quem trabalhava, quando vivia com a amante. Elle era apenas consumidor inativo; mas estava aborrecido de sua posição, não porque isto o humilhasse em sua consciencia elastic, mas, porque sobreveio-lhe o fastio apesar de um amor longamente saciado, e porque o encadava a dedicação apaixonada de Julianá. Estimaria bastante poder livrar-se

d'ella e não deixava de cogitar nos meios de o fazer de modo que não suscitasse queixas.

Seu temperamento rebellava-se internamente contra a prisão da vida em família. Seu gosto era o da abelha, sugar de todas as flores, não para fabricar mel, mas para satisfazer apenas seus instintos.

Sendo recrutado na verdade, pelo modo porque o fez saber, o sentimento que mais o dominou e mortificou foi a avaria concentrada de ter sido de tal arte arrebatado para longe de sua província e posto com a farda às costas ao serviço do exercito. Dentro de pouco tempo esqueceu-se da amante.

O sistema de recrutamento no imperio, por longos annos não foi outro senão esse mesmo de a torto e a direito, filar-se nas ruas, de noite e de dia cidadãos de todas as condições sociais, maximamente os desprotegidos da sorte. Mas, é certo que o Manoel Martins foi recrutado com um requinte de prepotencia e isto denuncia a obra de uma premeditada vingança como elle o comprehendeu.

Tal sistema de recrutamento no seu tempo foi pau para toda a obra e creou fama nos annaes do imperio. Servia para prover o exercito e armada de malandros, vagabundos, malfiteiros e de operarios e empregados laboriosos e honestos. Era a arma eleitoral favorita temivel, de que a tempo proprio se serviam arbitrariamente as autoridades superiores e subalternas para bater os adversarios politicos; era o recurso dos pais contra os filhos rebeldes, prodigos, perdidos; o meio simples pelo qual qualquer mandachuva aldeão, vilão ou cidadão, desfazia-se de um importuno, de um desafecto ou de qualquer individuo de quem desejava tirar desforço. Era tambem o tema secundo para os sublimes tropos e apostrophes da eloquencia parlamentar.

Este sistema está abolido. Tanta, porem, é a saudade que d'ele sentem as autoridades imperiales, que ainda em 1885 o quizeram reviver, recrutando na Bahia adversarios politicos e enviando-os para o Rio de Janeiro com approvação do tribunal superior d'aquelle província e do governo do imperador. Tal é a força do habito.

Não pode, porem, haver duvida de que Manoel Martins pagou pelo modo porque viu o seu indigno procedimento de dar assaltos nocturnos à casa de uma familia respeitável para seus amores illicitos com uma dama ali hospedada.

Mas, seria o tenente Lins o autor ou promotor d'essa vingança!

Os factos levam-nos a acreditar; mas se o foi, o acto merece desculpa, porque transformou um madrago em defensor da patria, á qual prestou servicos, um *legalhe* em um capitão Boacica.

(Continua).

ANNUNCIOS

ATELIER CAÑIZARES

Offerece ao respeitável publico retratos a óleo, crayon, decorações de templos, vistas de fazendas, etc., etc., tudo com a maior perfeição e a preços razoaveis.

40 RUA DE GONÇALVES DIAS 40

BIBLIOTHECA THEATRAL

Collecção de peças de theatro que mais voga tem feito nos theatros da Corte e Províncias, editadas pela livraria Serafim

73 — Rua Sete de Setembro — 73

RIO DE JANEIRO

DRAMAS, OPERAS, COMICAS E OUTRAS PEÇAS DE GRANDE ESPECTACULO

Peças de Arthur Azevedo

Falla, ópera burlesca.....	1\$000
A princesa dos Cajueiros.....	1\$000
Abel, Helena.....	1\$000
A filha de Maria Angú.....	1\$000
A casadinho de fresco.....	1\$000

Jerusalem libertada.....	1\$000	A Bohemia, drama idem idem.....	1\$000	THOMAZ RIBEIRO
Por um tris coronel, proverbio em 3 actos.....	8500	Carlos o poeta, idem.....	2\$000	Ajudia celebre recitativo seguido da parodia.....
Amor por annexins.....	8500	A probidado, drama marítimo de Cesur de Lacerda.....	1\$000	JULIETA DE MELLO MONTEIRO
Uma vespera de Reis.....	8500	Alvaro da Cunha, ou o cavalheiro do Alcacer-quibir.....	1\$000	Preludios, 1 vol.....
Eduardo Guirido		Galileu, drama historico.....	1\$000	Este trabalho da distinta poetisa Rio Grandense, tem merecido o mais justo acolhimento, quer da imprensa, quer do publico.
Boccacio.....	1\$500	Comedias, com e sem damas		ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO
Viagem à lua.....	1\$000	Antes do Baile, comedia em 1 acto.....	8500	Os cumes do Bardo, poema.....
O jovem Telemaco.....	1\$000	Judas em Sábado d'Alleluia, celebre comedia de costumes nacionaes por Penna.	8500	Está reputada pelos eruditos esta obra como a melhor do pranteado poeta e exímio purista do idioma vernacular. Na mesma casa ha outros trabalhos do mesmo author.
A Mascotte.....	1\$000	Os dous ou o inglez machinista, pelo mesmo.....	8500	FAUSTINO XAVIER DE NOVAES
Os sinos de Corneville.....	1\$000	A Morto de Gallo.....	8500	Novas poesias, 1 grande vol.....
Sonhos d'ouro, peça fantastica em 3 actos.....	1\$000	Quasi ministro.....	8500	Faz-me favor do seu fogo se não vai com muita pressa?.....
Os Trinta Botões.....	8500	A joia das joias.....	8500	Scenas da Foz.....
Por um triz.....	8500	Um diabrete de 16 annos.....	8500	Outros trabalhos do mesmo nella casa.....
Quasi que se pegam!.....	8500	Um idioma.....	8500	DR. CASTRO LOPES
Um alho.....	8200	Uma prima e tres bordões.....	8500	Resurreições, 1 grande vol.....
O meu amigo banana.....	8200	Um quarto com duas camas.....	8500	Ninguem pôde deixar de posuir este mimo literario do abalizado latinista e eminente sabio.
A bengala.....	8200	Os maiores e o bispo.....	8500	FLAVIO REIMAR
Coração e Genio, drama familiar, pelo Dr. Pires Ferrão.....	1\$000	Club Godipan.....	8500	Clara Verbena, poema, 1 vol.....
As duas orphás, celebre e importante drama em 5 actos.....	1\$000	Dous atraz de um.....	8500	Verso, 1 vol.....
Aime ou o assassino por amor, bello drama.....	1\$000	Beata de infantilha.....	8500	MOREIRA DE SA
A Judia, notavel drama de Pinheiro Chagas.....	1\$000	Bolsa e Cachimbo.....	8500	Folhas perdidas, 1 vol.....
A morgadilha de Val-flor, pelo mesmo.....	1\$000	Um marido victimas das modas.....	8500	FERREIRA DA SILVA
Os Lazaristas, drama em 3 actos por Antonio Ennes.....	1\$000	Uma criada impagavel.....	8500	Bosquejos Poeticos, 1 vol (raro)...
A Estatua de carne, traducção do Dr. Pires d'Almeida.....	1\$000	Resonar sem dormir.....	8500	T. TAPAJOZ
Dalila, celebre drama de Octavio Feuillet.....	1\$000	Por um triz.....	8500	Nuvens Medrosas 1 vol.....
Romance de um moço pobre, pelo mesmo.....	1\$000	A ordem é resonar.....	8500	DIAS D'OLIVEIRA
Amor e infamia, notavel drama.....	1\$000	O diaho a quatro n'uma hospedaria.....	8500	Aerolites, 1 vol.....
Gonzaga, ou a revolução de Minas, celebre drama de Castro Alves.....	1\$000	Uma experiencia.....	8500	A. L. GENTIL
Eurico, magistral drama extraida do romance do mesmo nome....	1\$000	Os dous candidatos.....	8500	A victoria da Villa da Praia, 1 vol..
Fausto, drama phantastico de Gutierrez da Silva.....	1\$000	A cata do Mané.....	8500	FR. FRANCISCO DE PAULA DE SANTO GERTRUDES
Os Positivistas, drama onde não entra dama.....	1\$000	FFFF e RRRR.....	8500	Collecções de poesias selectas, 1 vol, (rarissimo).....
O negro, drama importante.....	1\$000	Baptizado o casamento.....	8500	GONÇALVES DIAS
Scenas comicas, dramaticas e poesias comicas		Architecto das moças.....	8500	Obras Posthumas precedidas de uma noticia da sua vida e obras pelo Dr. Antonio Henriques Leal, nítida, edição em 6 vols. comprehendendo o 1º o retrato do author, uma carta autographa, versos modernos, versos antigos, poema americano, hymnos, voltas e motes glosados, satyras; 2º advertencia, poesias originaes e traduções; 3º meditação, memorias de Agapito, um Anjo, Vingem pelo Rio Amazonas, Reflexões sobre os annaes historicos do Maranhão, Resposta à Religião, Amazonas (memoria historica), O Descobrimento do Brasil é devido ao mero acaso; 4º e 5º Dramas; 6º Doze memorias acerca dos indigenas, descobrimento do Brasil commercio com os Franceses, 2º parte, Malaios Polynesios e Melanesios. Deste rapido sumário se deduz a importancia desta obra.....
Amores de Antonio Juca.....	8200	Tribulações d'um estudante.....	8500	ANTONIO FIGUEIRA
Um litterato da epocha.....	8200	As sais nas calças e as calças nas saias.....	8500	Adejos, 1 vol.....
Camões e Jão.....	8200	223 por 225.....	8500	Ninguem tem acompanhado mais de perto a escola poetica de Castro Alves do que o festejado autor dos Adejos. Um notavel critico alliança que se fosse G. Alves vivo com prazer subscreveria tão notaveis poesias.
Manoel d'Alabada.....	8200	A monomania.....	8500	THEOPHILO DIAS
São coisas.....	8200	Um quadro de casados.....	8500	Lyra dos verdes annos, poesias lyricas, 1 vol.....
Bala quemada.....	8200	Uma scena no sertão de Minas.....	8500	O conhecido autor das fanfarras está acima de qualquer elogio.
O amigo dos artistas.....	8200	O diaho atraz da porta.....	8500	CASTRO ALVES
As tribulações de um inspector de quartier.....	8200	Scenas na Foz.....	8500	Obras completas à saber:
A historia de um marinheiro.....	8200	Dous criados felizes.....	8500	Espumas fluctuantes, edição popular e unica compilada com 22 poesias inéditas, lindo vol.....
En vespertas de casamento.....	8200	Enviado de Roma.....	8500	Os escravos poema brasileiro dividido em duas partes. I A cachoeira de Paula Affonso. — II Manuscriptos de Stento, precedido da Biographia de Castro Alves por Mucio Teixeira e da Apotheose dos mais distintos poetas, 1 vol. de cerca de 200 pags.....
Uma victimas do jogo.....	8200	Embrulhada familiar.....	8500	Gonzaga, ou a revolução de Minas, 1 vol.....
Cerração no mar.....	8200	Fabia.....	8500	—
Cegueira ou bebedeira.....	8200	A morte de Catimbão.....	8500	GUERRA JUNQUEIRO
Faz-me o favor do seu fogo?.....	8200	Falta de mindos.....	8500	A morte de D. João, 4ª edição, 1 vol. nitidamente impresso.....
Alto vareta.....	8200	Gravata branca.....	8500	Viagem à roda da Parvonia com a colaboração de Guiherme de Azevedo, 1 vol. com muitas gravuras
Um conductor de omnibus.....	8200	Mania franco-prussiana.....	8500	A vida de seu Juca, parodia à morte de D. João por Valentim Magalhães, 1 vol. de 300 pags.
O orphão.....	8200	Matei o Chim.....	8500	ANTONIO JOSE VIALE
João Bobo.....	8200	Nova Castro.....	8500	Bosquejo Historico, Poetica, 1 vol...
Unhas de fome.....	8200	Nas horas das consultas.....	8500	MESQUITA NEVES
O cosinheiro e a quitandreira.....	8200	A saia balão.....	8500	Os primeiros harpejos de minha lyra, 1 vol.....
O sacrifício de S. Nunes.....	8200	Veterano da independencia.....	8500	Typ. d'A DEMOCRACIA.
Um phosphoro em dia de eleições.....	8200	Arte, patria e caridade.....	8500	
Manoel Corisco.....	8200	Os deuses de casaca.....	8500	
O malfadado.....	8200	Dois amores.....	8500	
A cremação.....	8200			
A mulher e a comida.....	8200			
A R ver os sinos de Corneville.....	8200			
VOemoor.....	8200			
Fui ver a Maria Angú.....	8200			
Viagem a volta do mundo a pé.....	8200			
Cousas do arca da velha.....	8200			
Consciencia e remorso.....	8200			
O maldeito.....	8200			
Suicida por amor.....	8200			
Canto do saltadeiro.....	8200			
Fui ver a Mascotte.....	8200			
Occurencias diversas.....	8200			
A justica divina.....	8200			
O plebeismo.....	8200			
Um pedante em calcas pardas.....	8200			
José povinho ou o imposto do vintem.....	8200			
Ambição, drama.....	8200			
Outras peças de theatro				
Geraldo sem pavor, ou a tomada de Evora, drama historico e raro.....	38000	GOELHO D'AMARANTE		
O homem da mascara negra.....	18000	Paginas de prosa e verso, 1 vol.....	1\$500	
29 ou honra e gloria.....	18000	SILVA PENHA		
Os dois renegados.....	18000	Harpejos d'amor, 1 vol.....	1\$000	
A viuva das camelias.....	18500	J. F. D'OLIVEIRA		
Amores de Roberto.....	18000	O Pic Ruivo, poesia, 1 vol.....	8200	
O avarento.....	18000	AMARAL TAVARES		
Alonso e Cora.....	18500	O Pavilhão de sangue, 1 vol.....	500	
Os ininos.....	18000	ALBUQUERQUE LIMA		
Escravo fiel.....	18000	Alvoradas, 1 vol.....	1\$000	
Britanico.....	18000	SILVA BRAGA		
Os bandidos, traducção do Dr. Mello Pitada.....	18000	Sonhos da Mocidade, 1 vol.....	24\$000	
A barba do Alvarenga.....	18000	Canticos patrioticos, 1 vol.....	2\$000	
O olho de cachemira verde.....	18000	FELIX DA CUNHA		
Cornelio.....	18000	Poesias, 1 vol. enc		